

Poemas panfletários

Alexandra Maia Teixeira¹

129

“Acredito haver um grande incêndio na poesia contemporânea. E são as mulheres que estão queimando”² é uma frase de uma escritora brasileira chamada Danielle Magalhães. Não é raro encontrar textos que falam sobre o “boom” de escritoras mulheres nos últimos tempos, se referindo a essa “repentina” e tardia ocupação do espaço literário pelos nomes, pelas vozes e (por que não?) pelo corpo inteiro de mulheres. “Si en la actualidad hay un boom latinoamericano en femenino, deseo que sea lo suficientemente fuerte para borrar los mecanismos que nos excluyeron durante años”³ é frase de Dolores Reyes, escritora argentina.

Todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas – não há discursos neutros. Quando acadêmicas/os brancas/os afirmam ter um discurso neutro e objetivo, não estão reconhecendo o fato de que elas e eles também escrevem de um lugar específico de que elas e eles também escrevem de um lugar específico que, naturalmente, não é neutro nem objetivo ou universal, mas dominante. (KILOMBA, 2019, p.58)

Quando comecei a estudar literatura em 2014, o fiz numa universidade do interior do Brasil, a Universidade Federal de Lavras (UFLA), em uma cidade de cem mil habitantes chamada Lavras, no interior de Minas Gerais. Durante os meus quatro anos de graduação eu só tive

¹ Alexandra Maia Teixeira, mestre em Literatura Brasileira e Teoria da Literatura pela Universidade Federal Fluminense, 2022. Especialista em Literatura Portuguesa e Africanas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019. Idealizadora e coordenadora geral do coletivo Papel Mulher.

² Frase publicada na quarta capa de *Cult* - Antologia Poética, n.1, 2019.

³ A frase aparece no artigo escrito por Fabiana Scherer (2021).

acesso, dentro do cronograma universitário, a quatro escritoras mulheres: Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles. Em algum momento de meu estágio em educação ouvi falar de uma escritora chamada Carolina Maria de Jesus, uma escritora negra que tinha escrito um diário chamado *Quarto de despejo*, que foi publicado e se tornou um fenômeno em 1950, sendo traduzido para mais de 13 idiomas. Carolina foi uma das escritoras mais vendidas no Brasil, no entanto, não se encontrava dentro do conteúdo das minhas aulas de literatura. Estudar Carolina Maria de Jesus me fez conhecer uma crítica literária que lutava para defender que “literatura” não é um conceito dado, e sim um conceito em disputa. “Emprega-se, frequentemente, o adjetivo *literário*, assim como o substantivo *literatura*, como se ele não levantasse problemas, como se acreditasse haver um consenso sobre o que é literário e o que não é.” (COMPAGNON, 1999, p. 29) [grifos do autor].

130

Estudar Carolina me fez entender que havia um porquê da existência de apenas quatro mulheres no conteúdo programático de mais de um ano e meio de literatura brasileira e que esse porquê não tinha a ver com “qualidade”, mas que o cânone representava a sociedade e que, como ela, excluía e apagava as mesmas pessoas, negros, mulheres, LGBTQ+. Foi assim que conheci a pesquisa de Regina Dalcastagnè intitulada *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado* na qual a pesquisadora analisou os romances publicados no Brasil pelas maiores editoras do país entre os anos 1990 a 2004 e chegou ao resultado de que 72,7% dos autores publicados eram homens e 93,9% eram brancos. Os números seguiam demonstrando, por exemplo, outros apagamentos como de sexualidade e de regionalidade. Acredito que a pesquisa de Dalcastagnè tem sido baluarte de muitas pessoas que trabalham com a crítica feminista. Posso dizer que foi alicerce de todo o meu trabalho.

Me mudei para o Rio de Janeiro assim que me formei. Estar em uma das grandes capitais culturais do Brasil me apresentou que essa disputa sobre *o que é literário, para quê e a quem serve a literatura* não estava se dando só dentro da academia, ela tinha saído, tinha tomado as ruas e gritava poemas em praças cheias. Aqui me refiro aos muitos *slams*, campeonatos de poesia falada, que têm surgido pelo país, principalmente nas periferias. Na

praça, o livro publicado, os prêmios literários, as revistas de reconhecimento importavam menos do que saber dar vida ao poema. Essas pessoas que foram excluídas e apagadas por anos pelas instituições literárias, essa “nova literatura” criava não só novas formas, novos espaços, novos públicos.

[...] Mulheres e homens, trabalhadores e patrões, negros e brancos, portadores ou não de deficiências, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras. Mesmo que outros possam ser sensíveis e solidários a seus problemas, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 20)

Comecei a frequentar ciclos de estudo de crítica literária feminista e escrevi meu projeto de mestrado sobre diários de autoria feminina. A ideia era defender que era desde o íntimo que a literatura produzida por mulheres começava. Como começo queria apontar termos históricos da literatura produzida por mulheres no Brasil, mas também queria sugerir que normalmente era da escrita do íntimo que se faziam as escritoras nos primeiros momentos.

131

Maria José Motta Viana explica que a partir dos anos 70 e 80 teria havido um *boom* de publicações de memórias femininas no Brasil. Presas ao ambiente doméstico, as mulheres, quando puderam ousar a escrever, ou seja, quando tiveram educação e liberdade para isso, muito comumente escreviam diários íntimos ou outros gêneros memorialistas. Não que mulheres já não tivessem escrito em outros gêneros ou publicado antes dos anos 70, no entanto em termos quantitativos a pesquisadora defende que a escrita de si e os anos 70 e 80 tenham sido demarcadores para a história da literatura produzida por mulheres no Brasil. Segundo Viana, as guerras, os avanços do capitalismo, a revolução dos costumes e o surgimento dos movimentos de contestação tal qual o movimento feminista contribuíram para um sentimento de esfacelamento que atinge mulheres de diferentes guetos que insurgem com suas escritas memorialísticas tentando recompor suas vidas e compor a si mesmas “pelo caminho de olhar-se e do entregar-se ao olhar do outro” (VIANA, 1995, p. 43). *Essa escrita surgiria não como um movimento organizado preocupado em uma unidade que pudesse se*

assemelhar a uma corrente literária feminina, mas se manifestaria através de uma profusão de estilos e formas que parecem indicar que maior era o desejo individual de se compreender, se reestruturar e ocupar os espaços.

Em entrevista ao jornal *La Nación* sobre um possível “boom feminino latinoamericano”⁴ na literatura contemporânea, Fernanda Melchior, escritora Mexicana, responde que não lhe parece congruente utilizar o mesmo termo que designou a explosão e projeção de escritores como Gabriel García Márquez, Mário Vargas Llosa, Julio Cortázar nos anos 60 e 70. Para ela, ainda que estejamos *presenciando uma profusão de vozes femininas de qualidade notável e de diferentes países que parecem coincidir em direção ao feminismo, existem muitas diferenças como os modelos de produções, temáticas escolhidas, escolhas estéticas e políticas*. Não me parece muito distinto do que Maria José Motta Viana pontuava sobre as escritoras brasileiras memorialistas dos anos 60. Me parece que a explosão é antiga, que o *boom* que vemos hoje é o resultado de muitas pequenas explosões em todos os lados, em muitos quartos, em muitos corpos há muitos anos. Acredito que todo esse movimento pode ser lido como algo extremamente poético se pensamos na explosão de estrelas e o tempo que tardamos a enxergá-las ou se lemos com a certeza de que o feminismo tem uma história muito longa. Como diz Kamenszain: “la poetisa que todas llevamos adentro busca salir del clóset ahora mismo hacia un destino nuevo que ya estaba escrito y que al borde de su propia historia revisitada nunca se cansó de esperarnos”. (KAMENSZAIN, 2021, p. 13).

132

Finalmente, pude cursar uma matéria sobre coletivos feministas da América Latina, ministrada pela professora Luciana Di Leone (na Universidade Federal de Rio de Janeiro-UFRJ). Um deles, o *Mujeres Creando*, da Bolívia, tinha atividades diversas: oferecia uma casa de apoio a mulheres vítimas de violência da mesma maneira que pixava muros com frases, que para mim eram também poemas.

⁴ Disponível em <https://www.lanacion.com.ar/lifestyle/el-nuevo-boom-latinoamericano-las-escritoras-marcen-el-rumbo-nid12062021/>

Fig. 1.⁵

133

Era 2021 quando cursei essa matéria e no Brasil lidávamos com as consequências de 3 anos de governo de ultradireita junto com uma pandemia mundial e um presidente que se negava a reconhecer a seriedade do que estávamos atravessando. Acompanhávamos dia após dia o número de mortos subindo, enquanto Bolsonaro demitia Ministros de Saúde que não concordavam com seus desmandos. Foram, no total, 4 ministros de saúde e mais de 690 mil mortos, enquanto na Argentina, país de fronteira, por exemplo, os mortos não passaram de 130 mil. Repetíamos há mais de 3 anos “fora Bolsonaro”, esperávamos a cada descoberta de suas atrocidades um *impeachment* que nunca chegou. Parafraseando Adorno, é possível a poesia após o ressurgimento da ultradireita?

Nesse semestre eu tinha comprado um livro de uma poeta de Curitiba chamada Jéssica Stori e ela tinha um poema de uma só linha, que dizia: “eu vivo no Brasil e isso é muito para se ter em um corpo” (STORI, 2020, p.43). Eu anotei esse poema em um papel e o coleí de frente para a minha mesa de trabalho. Para mim era como dizer não apenas “fora Bolsonaro”, mas também fora tudo que ele representava e como o racismo, o machismo, o colonialismo, o neoliberalismo ainda está presente na nossa história – por isso que a cada tempo volta com roupagem nova e um

⁵ Fonte: PAREDES, 1999. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artevera/mujeres-creando-a-arte-como-forma-de-tecer-solidariedades/>

discurso mais elaborado – e de como essa história passada, presente e (infelizmente) futura se faz sentir em nosso corpo, físico e social e como é muito e como pesa. Na geladeira também ia atualizando frases-poemas que me lembravam, que me ajudavam a ter forças de lidar com mais um dia. Literatura de autoajuda nunca me pareceu uma categoria tão ampla como naqueles meses. Toda vez que lia essas frases sentia em meu corpo o porquê da arte, o porquê da literatura.

Foram esses os primeiros passos que consigo registrar para idealizar o coletivo papel mulher. Um coletivo que cola poesia de mulheres na rua, na forma de cartazes lambe-lambe. Fiz o chamado a mulheres que conhecia para ajudar na organização, estruturação e na seleção de versos para as primeiras colagens. Saímos à rua em fevereiro de 2021 pela primeira vez, no Rio de Janeiro (RJ) e em Campina Grande (PB). O coletivo que começou em 15 hoje tem cerca de 150 mulheres e é organizado para existir de forma autônoma. Temos um arquivo em uma pasta de drive e as integrantes têm autonomia de escolher quando e quais lambes irão colar de acordo com as suas histórias e as cidades onde vivem. Temos também um grupo de WhatsApp para estar em contato e para combinar reuniões para conversas sobre demandas ou necessidades do coletivo. Ademais disso organizamos um caixa para ajudar financeiramente as integrantes que querem fazer atividades, mas que não possuem dinheiro para a compra do material e também nos preocupamos em ter alguma reserva financeira caso tenhamos algum problema com a justiça, afinal intervenção urbana ainda é crime em muitas cidades do país. Em 2022, me mudei para a Argentina e comecei a organizar e a mobilizar, junto a outras mulheres, a criação de um arquivo em espanhol para o coletivo. Já estivemos em mais de 60 cidades e estamos de forma ativa em algumas cidades do Brasil, em Buenos Aires (Argentina), Montevideu (Uruguai) e Tarija (Bolívia).

Colocar a poesia escrita em cartazes espalhados pela cidade não só tira a voz dessas mulheres do espaço doméstico, mas tira suas vozes de dentro dos livros e alça às ruas, esse espaço no que ainda hoje não circulamos com segurança. Sabemos que os escritores que foram perpetuados até hoje foram homens, brancos, héteros, de classe alta. Sabemos que nesse caminho perdemos diversos nomes de mulheres,

diversas histórias e poemas que temos direito a conhecer. Sabemos também que no futuro não serão todos os nossos nomes que serão lembrados e que estarão nos livros, nas livrarias, nas salas de aula, mas a verdade é que parece que explodimos isso também e que não mais nos importamos em ficar na história e que rezamos para que os poemas que escrevemos sobre os nossos estupros, por exemplo, sejam datados, apagados para sempre, que daqui alguns anos não tenhamos que rimar nossas dores porque já não fará sentido para as que virão depois de nós. Levamos poemas nas mãos às marchas e ruas, colamos em postes, em portas de universidades. Não temos medo que nos digam que o que fazemos é “literatura panfletária”. Abraçamos o termo. O que a gente acredita é que a poesia pode sim construir um mundo melhor. “Eu falo aqui de poesia como uma destilação revelatória da experiência, não o jogo de palavras estéreis que, muitas vezes, os patriarcas brancos distorceram a palavra poesia para significar – para cobrir um desejo desesperado por imaginação sem vislumbre.” (LORDE, 2019)

135

Quando Inés Rial Peralta propôs, junto à Cátedra Livre de Cultura Brasileña, fazer uma atividade na Universidade Nacional de Córdoba, pensei que poderíamos fazer *matches* de escritoras Argentinas e Brasileiras. Conseguia identificar já de antemão que Alejandra Pizarnik conversava com Ana C. César, pensava em seus poemas curtos, mas pensava também em suas histórias pessoais. Alejandra e Ana C. eram escritoras lésbicas (ou bissexuais, não se sabe ao certo) reconhecidas dentro do cenário artístico de sua época e que se suicidaram jovens (RAVETTI, 2008). No entanto, um problema que o arquivo de lambes que a coletiva Papel Mulher tinha nesse momento era de que a maioria de nossa seleção era de escritoras portenhas, ou seja de Buenos Aires capital. Isso não me surpreendia. A pesquisa de Dalcastagné citada acima, também aponta que dentro das porcentagens de exclusão, a regionalidade costuma ser um dos fatores. São Paulo e Rio de Janeiro no Brasil representavam o local de moradia da maioria dos escritores publicados e conhecidos. Era de se esperar que aconteceria o mesmo na Argentina e que seriam essas as escritoras que nos chegariam com mais facilidade e que estariam em maior número em nosso arquivo. Foi assim que pensamos que a Cátedra Libre de Cultura Brasileña da FFyH-

UNC e Inés poderiam realizar um mapeamento de escritoras contemporâneas de outras regiões da Argentina, principalmente de Córdoba. A ideia da atividade era encontrar um fio que conectasse essas escritas. Não utilizo o termo “fio” só por utilizar, pois “*Coser, bordar, cocinar, limpiar, cuántas maneras metafóricas de decir escribir. Ya es casi parte del sentido común comparar al texto con un tejido, a la construcción del relato con una costura, al modo de adjetivar un poema con la acción de bordar*” (KAMENSZAIN, 1981, p.21).

136



Para a atividade a ser desenvolvida, Inés entrou em contato com mulheres que coordenam oficinas de escrita por Córdoba e foi chegando a poemas de escritoras que não possuíam inclusive nem publicações físicas. Quando me juntei com Inés para analisar o material e o que faríamos com eles pensamos e selecionamos poemas argentinos e brasileiros que se entrelaçavam em quatro fios: Violência Institucional, Linhagem, Mirada sobre o corpo e Resposta Animal. Cada poema selecionado puxava o fio de uma forma diferente, ainda que talvez um pouco entrelaçada. Explicito aqui como construímos os diálogos em um desses fios, A violência Institucional.

A violência institucional no Brasil é mais escancarada e complexa quando pensamos o racismo na construção e na manutenção das

desigualdades no país. O poema escolhido para representar a questão foi “querida” da escritora carioca Tatiana Pequeno. Nesse poema Tatiana fala sobre o assassinato da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco, ocorrido no dia 14 de março de 2018. Ainda que não cite o nome de Marielle em nenhum momento, Tatiana localiza a rua em que aconteceu o assassinato. A morte de Marielle foi motivada por disputas de terras no Rio de Janeiro, mas é explicada pelo racismo que reina no país. Os assassinos da vereadora não sabiam que matar uma mulher negra no Brasil teria a repercussão que teve, que o nome de Marielle seria evocado por movimentos feministas e movimentos negros por todo o mundo. Não sabiam não porque fossem ingênuos, mas porque de acordo com estatísticas a cada 4 horas uma pessoa negra morre no país em decorrência de atividade policial, ou seja, pensaram que Marielle seria só mais uma entre muitos – é assim que se opera a necropolítica do nosso país. Outro dado histórico que contribui para a leitura do poema é que, em julho do mesmo ano, Bolsonaro lançaria sua campanha eleitoral levando como uma de suas principais pautas o armamento da população e utilizando o símbolo de uma arma com dedos levantados. O argumento era que a população tinha o direito a ser defender: “neste ano/armas são inofensivas/ podem ser apenas artefatos/ de quem coleciona dor” (PEQUENO, 2019, p. 19).

O poema de Tatiana Pequeno trabalha com a não-logicidade da defesa das armas como instrumentos inofensivos e reconfigura o sentido da palavra colecionador ao cortá-la pela metade. Em outro momento também dá vida à arma,

o que a arma diz é
vamos matar vocês todos
um por um
lentamente
(PEQUENO, 2019, p.19)

Em resposta ao absurdo da violência e a não-logicidade do discurso da ultradireita a poeta responde também com absurdo: é assim que a arma ganha vida, é assim que mulheres carregam bombas entre as pernas.

não tenho fuzis
mas bombas aqui
entre as pernas

(PEQUENO, 2019, p.19)

Algo parecido ao que faz Patrícia Quiroga, poeta de Traslasierra, Córdoba/ Argentina, em seu poema “Despertar” para abordar o tema dos desaparecidos na ditadura militar. Em seu poema, Quiroga fala dos corpos jogados no mar e de como a luz e os albatrozes foram testemunhas daquelas noites horríveis. O poema dá vida ao mar e aos seres e estruturas que vivem nele, fala de como eles cuidaram e embalaram esses corpos, esse silêncio por anos.

cuando cientos de almas
fueron arrojadas al océano.
Las han cobijado
los pastos marinos,
las cordilleras,
las abisales llanuras
y los corales,
custodiándolas en silencio.
(QUIROGA, não publicado)

138

Até o dia em que o oceano não aguentou tamanha dor e rugiu, formando marés fortes, grandes o suficiente para chegar nas estrelas e expulsou um corpo de uma mulher a 183 km de Santiago. O corpo de Marta Ugarte, professora militante comunista chilena, filha de um obreiro e uma bordadeira. Fora do poema a história da morte de Marta é tão absurda, ou deveria ser, quanto a ideia de um mar se recusando a silenciar tanto horror. Em testemunhos recolhidos pela Comissão Nacional da Verdade e Reconciliação Chilena, os torturadores da militante já lhe tinham arrancado unhas, queimado seu corpo, arrancado parte de sua língua e, finalmente, lhe aplicado uma injeção para que morresse, mas ainda assim Marta seguia se movendo dentro do saco que seria jogado em alto mar. Apressados porque o helicóptero estava chegando, seus torturadores tiraram o corpo de Marta do saco e o enforcaram com o arame que o mantinha preso. Foi a pressa de garantir que Marta estivesse morta que fez com que seu corpo flutuasse. As notícias diriam que se tratava de um crime de paixão, mentiam a idade de Marta, classificavam esse corpo que demorou a ser reconhecido até por sua família como uma mulher jovem e bonita.

el cuerpo de Marta Ugarte
seguía mirando

con ojos incrédulos
el horror del mundo
(QUIROGA, não publicado)

O poema de Patrícia dialoga com o de Tatiana desde a não aceitação do mundo que nos é oferecido e os dois respondem com o deslocamento da realidade de modo a demonstrar o absurdo de tudo isso que aprendemos a naturalizar, a arma que ganha vida para dizer que sua função é matar, o útero que responde gestando bombas, o mar que guarda os corpos até o dia que não aguenta mais com o silêncio e grita, o corpo de Marta que ainda tem os olhos abertos frente a tanto horror. Nos parece que esses poemas se conectam desde a recusa da realidade como é, desde a utilização da literatura para sonhar narrativas, realidades outras.

¿Por qué me siento tan obligada a escribir? Porque la escritura me salva de esta complacencia que temo. Porque no tengo otra alternativa. Porque tengo que mantener vivo el espíritu de mi rebeldía y de mí misma. Porque el mundo que creo en la escritura me compensa por lo que el mundo real no me da. Al escribir, pongo el mundo en orden, le doy una agarradera para apoderarme de él. (ANZALDÚA, 2019)

139



Referências

ANZALDÚA, Gloria. “Falando em línguas: uma carta às mulheres escritoras do terceiro mundo.”, *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

Disponível em [Vista do Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo \(ufsc.br\)](#). Acesso em: 20 jul. 2024

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

KAMENSZAIN, Tamara. “Bordado y costura del texto”, *Revista de la Universidad de México*, v.3, p.21-22, 1981. Disponível em [3f819a23-a8ff-467b-9937-6f81e91466fd \(revistadelauniversidad.mx\)](#). Acesso em: 20 jul. 2024.

_____. *Chicas en tiempos suspendidos*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2021.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. São Paulo: Autêntica, 2019.

PEQUENO, Tatiana. *Onde estão as bombas*. Juiz de Fora: Macondo, 2019.

140

RAVETTI, Graciela. “Entre a vidência e a mão artesã: Ana Cristina Cesar e Alejandra Pizarnik”, *Aletria*, v. 17 n. 1 (2008): Estudos Comparados em Literatura, Artes e Culturas de Expressão Hispânica /Dossiê Estudos Comparados II, Literaturas Hispânicas, UFMG. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18189>. Acesso em: 20 jul. 2024.

Revista Cult. Antologia Poética: Poemas para ler antes das notícias. São Paulo, Editora Bregantini, v. 1, agosto 2019.

SCHERER, Fabiana. “El nuevo boom latinoamericano: las escritoras marcan el rumbo”, *La Nación*. 12 de junho de 2021. Disponível em <https://www.lanacion.com.ar/lifestyle/el-nuevo-boom-latinoamericano-las-escritoras-marcan-el-rumbo-nid12062021/>

STORI, Jéssica. *Carne e colapso*. Brangança Paulista: Urutau, 2020.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memória de mulheres*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.